# A PLEBE

ASSIGNATURAS
ANNO . . 10$000 — SEMESTRE . 5$000
Numero avulso: Da semana, $100; atrazado, $200
As assignaturas começam sempre no 1.º do mez em que são tomadas

Redacção e Administração:
Rua 15 de Novembro, 16 (Sobrado) — S. PAULO
Endereço: Caixa Postal, 195

ANNO II — NUM. 8
São Paulo, 12 de Abril de 1919
PUBLICA-SE AOS SABBADOS

## A hypocrisia britannica

Segundo telegramma recente de Londres, assignado por um dos correspondentes especiaes da United Press, o governo britannico acaba de publicar um *Livro Branco* sobre as atrocidades bolcheviques... Já tardava, com effeito! Durante o tempo da guerra, quatro annos e meio a fio, os governos alliados em geral, e o governo de Sua Graciosa Magestade em particular, publicaram muitos livros, de todas as côres, sobre as atrocidades germanicas. Horrores nunca vistos, de espantosos, e os livros tremendos inundaram o mundo, aterrando e apavorando as almas candidas do orbe. O editor principal das sangrentas brochuras era Lord Northcliffe, chefe do maior dos *trusts* jornalisticos da lingua ingleza, e, na respeitavel opinião de muita gente boa, o verdadeiro Imperador, Rei e Ministro do immenso Imperio britannico. Mas, acabada a guerra burgueza, com a assignatura do armisticio, o napoleonico Lord Northcliffe ergueu um dedo de ordem e as diluvianas edições estancaram. Acabou a guerra burgueza — e a guerra social dos bolcheviques augmentou de intensidade e extensidade: contra-ordem, pois, e os prelos inglezes recomeçam a gemer e a parir novos livros de atrocidades... Santo Breve da Marca! — como diria o sr. Ruy Barbosa — o que isso vai ser! Ainda veremos os hunos da Germania feitos authenticos anjos do céu, si comparados aos homens féras da Moscovia...

Eu não sei o que estará pensando sobre o caso, a estas horas, o camarada Tchitcherine... A julgar, porém, pelos antecedentes, e tendo em vista aquella admiravel resposta aos representantes dos Poderes Neutros, aqui publicada pela *A Plebe*, não será difficil imaginar uma contra-offensiva dos prélos revolucionarios de Moscou. Por exemplo: para começar: *Livro Amarello das Hypocrisias Britannicas*... Já não falando das hypocrisias anteriores á guerra, nem mesmo das hypocrisias especificamente guerreiras, nem tampouco das hypocrisias trabalhistas, mas restringindo-se a série ás hypocrisias politicas e actuaes... que farta messe para o compilador!

Ora, a Irlanda, os *sinn-feiners* da Irlanda, ali a dois passos de Londres... Que pretendem esses irrequietos *sinn-feiners*? Pouca coisa — a independencia — isto é, a effectivação do grande principio pelo qual entrou a Inglaterra na conflagração, o direito de auto-determinação das nacionalidades. Nada menos de sete seculos sob o jugo inglez, nunca, porém, os irlandezes, durante esses sete seculos, se conformaram com o dominio do poderoso visinho. E agora, durante a grande guerra, confiados na sinceridade das declarações metropolitanas, esperaram e tentaram, por boas maneiras, a sua plena autonomia. Em vão... Conspiraram. Organizaram, como lhes pareceu melhor, e com as armas que se lhes offereceram, uma insurreição libertadora. A Inglaterra, nação-mater de todas as liberdades... massacrou a ferro e fogo os que lutavam pela liberdade. Imponente! Neste momento, terminado o estado de belligerancia, reunida a Conferencia da Paz, em cujo panno verde o mappa do mundo aguarda a delimitação das livres nações, ainda neste momento, mais ardorosos e obstinados que nunca, os *sinn-feiners* agitam a consciencia universal, clamando pelo reconhecimento de sua auto-determinação nacional. A liberrima Inglaterra atulha a Irlanda de tropas e dá carta branca a Lord French para agir contra a insolita pretenção dos atrevidaços da verde Ilha... Imponentissimo! Outro caso: o Egypto. Desde muitos annos que a Inglaterra, pouco a pouco, manhosamente, com aquella sua manha habitual e caracteristica, foi-se assenhoreando da velha nação. A' primeira opportunidade, que a guerra lhe offereceu, Albion fez desbancar do seu posto o já manietado sultão e collocou no logar um outro inteiramente alugado aos interesses britannicos. Muito bem... Quatro annos e meio de conflagração. Vem o armisticio. Ensarilham-se as armas. A aurora da paz illumina os horizontes. A mocidade culta do Egypto, que acreditava nos apostolicos principios de belligerancia ingleza, terminada a belligerancia, esperou o nobre gesto de renuncia ao dominio. Em vão... Afinal, perdem os egypcios a paciencia de esperar e, seguros do seu direito, resolvem agir, resolvem effectivar o grande principio universalmente acceito. Que faz a Inglaterra? A livre Inglaterra... mantém a ordem. A ordem do chumbo, do ferro, do canhão — mas ordem... *God save the king!*

A hypocrisia britannica! A Irlanda e o Egypto são apenas os dois casos mais actuaes e de maior relevo internacional. Não um livro, mas uma bibliotheca inteira de livros amarellos haveria que compôr, na compilação das hypocrisias britannicas... A propria publicação, neste instante, do *Livro Branco* sobre as atrocidades da guerra social na Russia, a que se refere o telegramma da United Press, já é de si, um facto absolutamente caracteristico. Pois não é precisamente o governo inglez, com o governo norte-americano, seu descendente, o que mais esforços está a empregar, junto aos outros alliados, para o reconhecimento dos Soviets Russos? E' a velha tactica ingleza: não póde esmagar, céde, reconhece. Poude esmagar o Egypto, esmagou. Poude esmagar a Irlanda, esmagou. Não poude esmagar a Russia revolucionaria, — estende-lhe a mão! E, ao mesmo tempo, exactissimamente ao mesmo tempo, para dar uma solenne prova da sua sinceridade, publica uma série de relatorios das atrocidades attribuidas aos revolucionarios, com o fim expresso de os desmoralizar perante o mundo...

*All rigth!* **Astrojildo Pereira.**

*Sobre os escombres da sociedade velha, Illumina a Nova Era*

## A PLEBE

Um amigo mandou-me uma réplica ao meu ultimo artigo sobre a *plebe*. Diz elle que no Brasil não ha plebe, visto como a Republica acabou com as classes, equiparando-as todas sob a denominação de *povo*.

Não desejo penetrar nos meandros dos Codigos ou das Leis. Na Constituição, em theoria, assim é de facto. Mas a pratica desmente essa affirmativa. "Todos somos iguaes perante a lei", mas si eu fôr um pé-rapado e qualquer grandão tiver commigo praticado uma violencia, póde crêr que ninguem me dará ouvidos e ha de dal-os ao meu affrontador... Portanto, as condições economicas reflectem soberanamente sobre o tratamento do individuo na sociedade.

E' ou não verdade isto?

Negal-o seria absurdo.

***

Ha uma casta que tem por base o *privilegio*, por methodo o *dominio*.

Na velha Roma chamava-se quirite, na Grecia aristocracia, na Idade media appellidou-se nobreza e clero.

O seu fito foi sempre gozar de todas as vantagens, desfructar com fausto a vida á custa das multidões laboriosas e sumidas na ignorancia e na miseria.

A Revolução Franceza veiu proclamar um direito novo. A nobreza que dominára sem contraste durante seculos, gozando nas orgias dos paços a vida mais dissoluta, cai com todos os seus privilegios para nunca mais se erguer.

Mas a *casta* constitue-se em *classe*. De *nobre* passa a ser *burguez*. Não são os mesmos individuos, é facto; mas a exploração do povo é identica... Antes havia o *servo*; hoje ha o *assalariado*. Antes eram escravos do *senhor*; hoje somol-o do *capital*... O privilegio foi substituido pelo imperialismo economico. Eis ahi.

Por isso chamei de *aristocratas* todos aquelles que vivem da exploração da *plebe*: politicos, fidalgos, burguezes, capitalistas. No decorrer dos tempos, e segundo as circumstancias, mudaram de nome, mas no fundo têm a mesma alma, mantêm os mesmos sentimentos... Os nossos republicanos de hontem, depois que subiram ao poder e se separaram da plebe, transformaram-se em aristocratas: a plebe só tem o direito de os exalçar. Ai della si os criticar ou menosprezar! A pata do cavallo, o chanfalho policial, a cadeia, a expulsão se encarregam de a manter quieta e submissa...

Esta mesma guerra, esta chacina medonha que acaba de ter fim para dar logar ás revoluções libertarias — foi o producto do fraternal connubio do *politico*, do *burguez* e do *nobre*. Os politicos republicanos, a começar por Clemenceau e Poincaré, estavam presos ás grandes emprezas que produziam artefactos de guerra; estas sociedades anonymas eram constituidas por burguezes e nobres, a começar pelo imperador Guilherme; os capitalistas allemães tinham acções nas companhias metallurgicas francezas e os francezes tinham capitaes nas usinas allemans... Com os inglezes dava-se a mesmissima coisa. A guerra foi um grande, gigantesco negocio para elles... Que dividendos collossaes não terão dado os Krupp, os Creusot, os Schroeder...

Tem lido Ivan Subirrof pela secção livre do "Estado"? Viu como todos os nossos politicos estão presos aos capitalistas, aos grandes negocistas, por que á sombra delles enriquecem e ganham fama? Pois na Europa dá-se a mesmissima coisa... E esses é que são os *aristocratas*...

Desengane-se. Hoje, como disse Martim Francisco, só ha duas classes: a dos que roubam e a dos que são roubados. A qual dellas pertence?

**Everardo Dias.**

## Os camaradas presos

Os nossos camaradas cahidos nas garras da policia burgueza em novembro continuam na prisão.

Os advogados tratam de recorrer da pronuncia para o Supremo Tribunal. Se falhar esse recurso, terão de ir a Jury.

De atalaia, pois! Esses companheiros dedicados não poderão ficar na cadeia. O operariado que se disponha, portanto, para todas as emergencias.

## A' PATA DE CAVALLO

Um dos mais formidaveis argumentos que a burguezia e os seus alliados empregam contra quem quer que ouse sublevar-se contra a ordem e a paz profunda em que se passam os dolorosos episodios da expoliação humana, está a do emprego opportuno e irretorquivel da pata do cavallo, o fiel quadrupede que o capitalismo educou e interessou na perpetuação dos factos.

Esse argumento preventivo e definitivo, que parece entrar em desuso depois do emprego de aviões de bombardeio e das metralhadoras ás esquinas, ainda ficou como uma formula pratica e symbolica da omnipotencia e omnisciencia da classe que um desastre historico elevou ao poder para o destino de restaurar sob fórmas legaes a escravidão e a domesticidade dos vencidos.

A pata de cavallo é uma expressão que dá perfeitamente idéia do progresso da mentalidade burgueza e da purificação de seus nobres sentimentos quando o estado de angustia e desespero creado pelo seu dominio secular leva os desherdados á praça publica pedir aos homens o que o céo já não concede mais.

Pão? Liberdade? Como é possivel aos miseraveis rebanhos proletarios disputal-os quando um fiel cavallo sob a guia de um fiel soldado póde na rudeza e irresponsabilidade de suas patas abolir a chimera da reivindicação?

E assim com essa quadrupla razão animal e militar a burguezia sente-se nobilitada e segura como os hunos de Attila quando passeavam o flagello de deus sobre as populações aterradas da Europa.

Mudaram os tempos, mas a moral dos barbaros e os seus processos de convicção e demonstração ficaram os mesmos no tempo e no espaço.

O cavallo por si só não poderia comprehender a admiravel moral do commercio e da industria e talvez que, consultado, respondesse elle pelo absurdo de tão altas creações; mas tambem o operario não comprehende a heresia de pedir ou tentar rehaver o direito á vida que por credulidade abdicou, mas não é á cerebração dos animaes que o burguez faz o appello como já foi feito ao proletario, mas aos quatro pés de um e ás duas mãos do outro. Sobre as calçadas de uma praça, a razão se decide facilmente: o bruto que come a alfafa dos quarteis demonstra irrefragavelmente ao bruto que não tem pão a verdade elementar e eterna da submissão.

Isso vem sendo assim desde as epocas remotas e gloriosas da cavallaria, e assim irá sendo, de facto e por symbolismo, emquanto o estado existir como juiz e guarda dos supremos interesses da sociedade.

E' sobretudo da guarda franca e dos calagestes do capitalismo que nós, anarchistas, costumamos ouvir affirmações da seguinte natureza:

— Vocês pensam que é só chegar e roubar? Estão enganados! Tão depressa quanto vocês appareçam na rua para fazer a revolta, chegaremos nós tambem, e por multas razões que vocês apresentem com gritos e gestos, nós já temos a resposta unica que vocês comprehendem: E' á pata de cavallo! Verão!

E os heroicos valetes da burguezia pretendem com essa ameaça terrorista não somente responder ás nossas doutrinas, mas tambem acobardar os nossos corações, fazendo-nos encolher para o fundo da miseria de onde partiremos um dia para os sacrificios e os massacres.

Acceitamos a ameaça. Ella não é nova. Já não é a primeira nem a millesima vez que o cavallo respondeu á justiça e á razão dos homens. Mas dia a dia o nosso espirito se affirma, hora a hora a nossa razão resplandece de luzes novas, e o momento virá em que serão precisos tantos cavallos quantos homens na batalha, e então, si não houver no dorso desses nobres animaes sinão espectros de uma civilisação finada, a resposta não será mais das patas. Será nossa.

E' de estimar que não se escreva mais a historia da triste e inconcebivel humanidade dos nossos tempos, mas a futura lenda e a narração oral dos nossos mais remotos descendentes lembrará espantada e consternada que um tempo houve denominado Seculo das Luzes e Seculo das Maravilhas em que os homens respondiam á justiça e á razão fazendo marchar contra bandos esfaimados um troço de estupidos assalariados sobre cavallos adextrados e massacrando os sublevados com a mesma tranquilla consciencia com que os vaqueiros e gaúchos fazem a *sahida* ou o *rodeio* do gado que tresmalha.

O proletariado, reduzido á animalidade, não ao que ella tem de puro e de forte, mas ao que tem de inconsciente e submisso quando do *habitat* natural passa ao estado domestico; o proletariado que se agacha e se ajoelha, esquecido de que são homens ante homens, parece realmente um gado que o forrageamento e o pastoreio aniquillaram para a razão e para a justiça.

Contra esse animal, o clero e a burguezia, o estado e a igreja lançam regimentos de animaes mais fortes, mais rapidos, mais bem nutridos e aos quaes a sciencia previamente tirou a alma e subornou os instinctos.

A luta deixou de ser no terreno da razão e transplantou-se para o chão das ruas. O direito da força corre o asphalto e medra no intervallo das pedras. Para comprehendel-o estabeleceu-se a luta pela vida no plano primitivo tal qual ella se deu e se dá entre animaes de especies differentes.

E, afinal, que é a sociedade moderna sinão o antagonismo inconciliavel entre o burguez, animal farto, e o proletario, animal faminto? E entre os burguezes podem contar-se os cães de chacara e os cavallos da policia, alliados incorruptiveis que odeiam os desgraçados por instincto e jamais abandonariam a ração da aveia ou a panella de sôpa pelo motivo sentimental das injustiças humanas.

Em face da decisão montada, equipada e armada que a burguezia deu á questão social, nós, anarchistas, só temos um recurso: a força maior. Mas a força, diz a burguezia, não resolve nada, é odiosa, contraproducente. Uma coisa unica produz e merece o amor dos homens: a pata de cavallo, que não é força, mas caricia, que não é violencia, mas doçura, que não é brutalidade, mas encanto.

Qualquer doutor em direito, qualquer jornalista de opinião, qualquer conego de freguezia, e até mesmo as formosas e languidas gentis-senhoritas do alto mundo poderão dizer que a força é horrivel e que a violencia é incompativel com a nossa deslumbrante civilisação. E esses eleitos do progresso social adoram as patas dos cavallos como representações quadrangulares da felicidade do ser miseravel para a gloria de deus e para a paz entre os homens.

Infelizmente a intelligencia dos famintos não assimila mais o pão espiritual da esmola capitalista. A's estultas e crueis theorias cavallares do burguez, respondem elles humanamente, com os punhos erguidos na imprecação eterna á sua eterna razão e ao seu eterno direito. E esses punhos hão de baixar-se um dia esmagadores, irresistiveis, sobre as cabeças que hoje raciocinam digerindo o pão superfluo e saqueado pela lei, pelo direito, pela ordem e pela justiça — as quatro patas do cavallo de Attila — á nossa resignação.

*Rio, 31—1—919.*

**Domingos Ribeiro Filho.**

Tomaram a nuvem por Juno...

## "A Plebe" não cuida de politicagem

Tendo um popular saudado o sr. Ruy Barbosa por occasião do seu bota-fóra, alguns jornaes noticiaram, em consequencia da leviandade de um reporter, que havia sido o camarada Edgard o autor dessa homenagem ao consagrado discursador.

O nosso companheiro não deixou sem a necessaria contradicta a inveridica noticia, escrevendo a seguinte carta ao "Jornal do Commercio" e ao "Diario Popular", tendo á mesma tambem feito referencia "O Combate" e "A Capital".

"Sr. Redactor. — Li hoje, com natural sorpreza, a noticia dada pelos jornaes, de que o director d' *A Plebe* compareceu ao embarque do sr. Ruy Barbosa, discursando nessa occasião e homenageando o conselheiro-senador com o offerecimento de um symbolico cravo vermelho.

Como tal não se deu, estou certo de que não vos negareis a inserir a indispensavel rectificação.

Obediente sempre ao seu programma libertario, *A Plebe* nunca tomou e jamais tomará parte em demonstrações de feição politico-burgueza, razão pela qual, logicamente, se absteve de participar das que se realizaram em honra do sr. Ruy Barbosa.

Como não somos politicos na concepção vulgar da politica, não poderiamos propender, na presente conjunctura eleitoral, sem quebra de nossa conhecida attitude, por qualquer dos competidores na disputa para a conquista do poder, cujos principios fundamentaes chocam com a doutrina social por nós esposada.

Almejando substituir a vigente instituição governamental pela livre federação das associações de productores, não nos preoccupa que a chefia do governo seja occupada por A ou por B, por mais illustrados ou geniaes que possam ser os candidatos á mesma.

Anima-nos a idealidade que condensa em si a concepção de um novo regimen economico-social, cuja estructura não permitte a luta, para nós ingloria, ao redor de pessoas, embora animadas das melhores intenções, destinadas a gerirem os destinos da nação, que, sob o nosso ponto de vista, deveriam ser confiados á organização federativa communista.

Vê-se, pois, que se alguem falou na Estação da Luz em nome d' *A Plebe*, agiu abusivamente."

*** Alguns jornaes, que se dizem amigos dos operarios, quando têm de registar qualquer delicto praticado contra os cofres do Estado ou contra a propriedade privada, qualquer roubo, extorsão, lenocinio ou estellionato, emfim, fazem-n'o sempre com estas epigraphes: "*Proezas maximalistas*", "*Crimes a bolchevismo*" e quejandas.

Esses amigos... ursos bem fariam se se decidissem a ser mais sinceros.

Maximalismo nem por sombras se compara com burguezismo. Ladrões, salteadores, assassinos, criminosos da peor especie são todos quantos vivem da exploração do proximo. Podem os burguezes provar que não fazem isso?...

# O que nós previamos

Quando os revolucionarios sociaes, socialistas, anarchistas e pacifistas idealistas condemnavamos, reprovavamos e hostilisavamos a guerra como uma catastrophe inaudita que arrastaria a humanidade a um sorvedouro de sangue, de ruina e de miseria, accusavam-nos de germanophilos e diziam-nos que os alliados estavam combatendo pela civilização e por tudo o que havia de mais nobre no genero humano.

Nós, que conheciamos um pouco de historia e que estavamos acostumados a não nos commover com cantos de sereias, não cahimos em acreditar no tão exalçado desinteresse dos burgezes alliados e, se bem que reconhecessemos grande culpa nos dominantes allemães, nunca julgamos os dos paizes alliados innocentes, e sempre affirmámos que a guerra era um negocio de commerciantes, de industriaes, um meio de procurar novos desaguadouros para as mercadorias invendiveis e avariadas e conquistar novos mercados para os productos dos diversos paizes.

E se bem o dissemos melhor o demonstraram todos os governantes alliados logo que se firmou o armisticio e se iniciaram as preliminares da paz.

Foi um tal despertar de appetites, um tal surgir de ambições, um tão desenfreado desejo de colonias, de territorios, de indemnizações, que não sabemos como os delegados da paz se irão sahir desse turbilhão de disparatado egoismo.

Emquanto o urso esteve de pé, todos se conservaram de accôrdo para o derrubar. Depois de vencido, todos lhe disputam a pelle e todos se encarniçam de um modo atroz em esquartejal-o e repartil-o pelos respectivos socios. E aqui é que apparece o busilis. Todos se julgam com mais direitos do que os outros a uma parte maior de despojos. E, necessariamente, nascem rivalidades, rancores, despeitos mal contidos, insinuações pouco lisonjeiras. São como as crianças que ao partir do bolo sempre pedem a metade maior.

Durante as hostilidades, sempre appellaram para o povo allemão, especialmente Wilson, para que fizesse a Revolução, insinuando-lhe a idéia de que, se corressem com o kaiser e respectiva *entourage*, a maldita camarilha que o rodeava, que o inspirava e que o applaudia, tudo se aplanaria para uma paz justa. O povo faz a Revolução, entrega-se incondicionalmente nas mãos dos alliados, fiado nas promessas de Wilson, mas o scenario mudou como por encanto, apenas o inimigo se rendeu. Vencido, derrubado do imperialismo teutonico, surgem-nos cinco imperialismos arrojando-se sobre a tão esperada presa e procuram dividir os despojos, talvez dum modo pouco fraternal, entre si, não admittindo o resto das nações a deliberar, desconhecendo-lhes a existencia e conservando-as á margem como coisa desprezivel, como se só as cinco nações podessem dispôr do mundo a seu bel prazer.

E os revolucionarios sociaes que já conheciam os methodos de agir dessas velhas raposas que são os diplomatas de todos os tempos e de todos os paizes, sorriam quando as grandes nações appellavam para as pequenas para que lhes accudissem no aperto em que se achavam. Elles já sabiam que quando se partisse o queijo, a partilha se faria sem a acquiescencia e sem a presença dos cordeiros que se associassem aos lobos carniceiros. A luta era de lobos cervaes e os cordeiros só serviriam para fornecer mais lauto banquete na hora da escassez e da penuria.

Na occasião dos perigos muitas cortezias, muitas gaifonices, todos são socios e alliados. Passada a tormenta só os leões tomam parte na distribuição da presa, na delimitação das fronteiras, na annexação de territorios que darão motivo a novas e futuras guerras... e os cordeiros, no fim, são chamados para balir e applaudir as feras que os hão de tragar.

Felizmente, os tempos mudaram. Não estamos mais nas negregadas épocas em que os potentados faziam e desfaziam, diziam e desdiziam e o povo no eterno mutismo como se não existisse.

Passou o tempo em que os despotas e os sacerdotes de todas as religiões se apossavam do mundo para si e apontavam para o céu como refugio do povo.

O povo sabe, hoje, que esse supposto paraizo é pura illusão, é mentira redonda, é balela despudorada e quer e sabe a maneira de se apossar do mundo e aqui estabelecer o tão suspirado reino da belleza, da concordia e da solidariedade universal. E, se depois da morte, houvesse esse tão falado céu, lá mesmo elle faria uma revolução e se apoderaria delle, e gozaria e melhoraria tudo quanto tocasse.

Os politicos e governantes, por mais que se matem, não poderão fazer uma divisão correcta e equitativa do mundo.

O vasto problema não pode ter a solução desejada pelos governantes. Tambem estes viveram sempre a fazer do direito, torto, e do claro, escuro. Vivem de intrigar o mundo, de intrincar todas as questões que, postas com clareza á luz meridiana, se resolveriam com facilidade estrondosa.

A solução para estas e outras questões só a Revolução Social, que se approxima, a poderá trazer.

Com o advento duma sociedade baseada no mutuo auxilio e no mutuo accordo; quando ninguem precise traficar, tripudiar e enganar descaradamente o seu semelhante; quando a producção estiver na mão do productor que directamente a passará para a do consumidor e cuja producção se destinar a satisfazer as necessidades de todos e não como hoje um motivo de monopolios, de açambarcamentos, de negociatas, fazendo-a rarear para a vender mais cara e, por isso mesmo, mandal-a para o exterior, para no interior attingir preços prohibitivos e produzir a fome entre o povo; então, só então é que se resolverá o problema, porque desapparecerão as fronteiras e todos se julgarão irmãos duma mesma familia e reinará a concordia sobre a Terra de todos.

*Adelino de Pinho.*

## O TURBILHÃO

Praça de Budapest ao badalar das duas.
A neve esvoaça e cai. Bocejam sentinellas.
Nas torres de São Pedro, á luz das arandelas,
Espiam dois vitraes ardentes como luas.

Silencio e solidão. Mas eis que pelas ruas
Ouve-se o regougar das humanas procellas,
Massas de homens abrindo as reccadas guelas,
De mulheres sem pão, esfarrapadas, nuas!

O escuro mar humano invade a velha praça,
Rodamoinha, envolve, estronda, ulula, passa
E quando no horisonte as hordas já se somem,

Vê-se alguem que ficou, como viva scentelha,
Mantendo sobre a praça a bandeira vermelha,
Na gloria de existir, no orgulho de ser homem!

Santos, 24—3—919

AFFONSO SCHMIDT.

## DO PARANA'

# AZAFAMA COLONIAL

Chegou, emfim, o dia tão ardentemente desejado! S. exc., poz, finalmente, os nobres «pézes» sobre o sólo fecundo dos pinheiraes! Que alegria! Que contentamento! O primeiro embaixador italiano no Brasil! E veiu ao Paraná!

Os coloniaes de alto estofo — ex-«guapecas» — mas que hoje, graças á sua «actividade» e ao seu «trabalho» assiduo, conquistaram invejavel posição entre a gente honesta, não cabem em si e efficazmente coadjuvados na ardua tarefa das bajulações pela miúçalha servil, mas patriotica, dispensam ao diplomata illustre todas as attenções a que o seu elevado posto fez jus.

O officialismo indigena, não obstante o seu nunca desmentido sentimento de jacobinismo rubro a transpirar por todos os póros, incensa o conspicuo personagem e põe em acção a maleavel gymnastica do espinhaço em reverentes e submissos salamaleques.

Ha quem diga, porém, que essas demonstrações officiaes não passam de ceremonias de praxe e que nada disso é sincero.

Linguas viperinas!

Agora, s. exc. é que não sabe fingir. Sem rebuços e nas barbas dos graúdões da terra, recommendou aos alumnos das escolas italianas que estudassem e se aprofundassem no conhecimento do idioma da mãe-patria italiana e procurassem se inspirar nos feitos dos seus eminentes filhos. Isso não é fazer jacobinismo em terra alheia; é ser coherente com a missão que lhe foi confiada. Tem lá alguma coisa com o regulamento que obriga o ensino do portuguez nas escolas extrangeiras? Cada um pucha a brasa para a sua sardinha.

São preciosidades de patriotismo e os grandes figurões de todas as patrias são profundos em materia de diplomacia internacional.

Mas, como ia dizendo, a permanencia do regio embaixador na apital paranense tem avivado na colonia os sentimentos do mais puro patriotismo. Enthusiasticos discursos foram proferidos por destacadas personalidades do mundo colonial, que em rasgos geniaes de eloquencia unica, inspirados nos mais alcandorados ideaes philantropicos, chegaram a provocar séria explosão nas glandolas lacrimatorias de s. exc.

A solução dos intrincados problemas yogo-slavos foi apresentada e submettida á approvação da esclarecida mentalidade do sabio estadista que, reconhecido e profundamente abalado diante de tamanha sapiencia colonial, perdida neste recanto da planeta, agradeceu commovido, promettendo servir-se da lição.

Summos interesses e negocios de grande alcance social tambem foram discutidos, entre pessoas gradas, na *soirée* dansante promovida em homenagem a s. exa. pelo philantropico e *primus inter pares* ***Gremio Bouquet***, onde, acompanhado pelo benemerito representante do governo deste El Dorado e dos seus satellites, ao som ensurdecedor da gloriosa marcha real italiana, s. exc. fez a sua entrada triumphal, applaudido e salamalequado pela fina élite colonial e indigena.

Dentro em pouco s. exc., diante da admiração geral, deu provas da sua pericia na difficil arte de Terpsichose.

As dansas prolongaram se até alta madrugada, reinando entre os convivas a mais cordeal alegria, apezar do trabalhoso e estafante remoinhar das valsas e do custoso e cadenciado passo a que obriga o moderno e requebrado tango, que o vulgo, na sua proverbial boçalidade, appellida de maxixe.

Essas fadigas todas supportou-as s. exa. e toda a malta dourada. E depois do sacrificio da ultima taça de champagne, despedindo-se, affirmou solemnemente que a inolvidavel impressão que acabava de receber o auxiliaria a supportar com seraphica resignação as fadigas que lhe estavam reservadas na longa viagem que ia emprehender para o Rio Grande do Sul, onde, talvez, maiores provações o esperavam.

E na tarde do mêsmo dia s. exa., satisfeito porter cumprido á risca a difficilima tarefa que lhe fôra confiada pêlo patrio governo de S. Magestade, partiu em demanda das plagas gaúchas no proseguimento de sua sagrada missão.

Ao bota-fóra de s. exc. compareceu pouca gente. E' de presumir que tal se désse para poupar ao nobre conde e á colonial caterva um provavel e copioso derramanto de lagrimas de despedida. Antes assim.

Boa viagem, vento em pôpa... E que deus o livre do encontro de qualquer tubarão... é o que lhe desejo.

E a adoravel colonia Italiana felicito-a pela sua solidariedade e pela grandiosidade dos seus conceitos sempre externados nas grandes occasiões.

Ah! patrioteiros de todas as castas! Sois sempre e em toda a parte as mesmos fanfarrões!

A. FABIANI.

## Aos que recebem pacotes d' "A Plebe"

E's camarada, companheiro traquejado bem ao par da vida dos jornaes da Vanguarda ou pelo menos sympathisante da nossa causa. Falamos-te, por isso, com toda a franqueza.

A vida d'*A Plebe* depende da bôa ordem de sua administração. Esse serviço, como todos os mais, é feito, em grande parte, por trabalhadores, depois do dia passado na officina. Tem, pois, de ser simples e rapido. Para isso todos devem contribuir. E tu tambem.

Recebes um pacote do periodico. Deves verificar o numero de exemplares que tens a possibilidade de vender ou distribuir, escrevendo-nos immediatamente E, sem esperar que te escrevamos, remetter-nos a importancia devida.

Contribuirás, assim, para a vida do jornal. Serás um amigo. Se isso não fizeres, é porque elle não te interessa e nesse caso suspenderemos a remessa do teu pacote.

## Viva a Republica!

O "chauvenista" e clerical Villain assassina o socialista e anti-militarista Jaurés — e é absolvido.

E. Cottin fere a tiros o chefe do gabinete francez Clemenceau, representante dos "chauvinistas" no governo, — e é condemnado á morte...

Haverá por ahi um idiota capaz de nos affirmar que a Justiça é cega?...

E. D.

*** O regimen parlamentar não é senão a tyrannia das maiorias fortuitas que se formam no seio das assembléas legislativas. — ***Buchner.***

## DE ALAGOAS

# Como na Russia dos Romanoffs

Já ha algum tempo, aqui, em Maceió, um nucleo de camaradas conscientes fundou uma agremiação de propaganda anarchista. Esse grupo, composto de uma duzia de operarios dispostos a propagar os seus ideaes, editou de setembro até esta data os seguintes manifestos: «Um problema a resolver», «Povo, á revolta!», «Os trabalhadores russos aos trabalhadores americanos» e «Appello aos trabalhadores de Alagôas», além de outros manifestos vindos de outros Estados e collecções da «Tribuna do Povo», um jornal da vanguarda, de Recife, distribuidas gratuitamente.

A principio, a burguezia não se incommodou, talvez julgando que a nossa propaganda não teria resultado pratico. Depois, começou a rosnar. Pelos jornaes diarios notavam-se symptomas do seu odio contra os libertarios.

Chegou o dia 10 de março, quando foi distribuido o «Appello aos trabalhadores de Alagôas». No dia 12 eram presos alguns camaradas e mais quem não tinha nada com a propaganda, sómente porque sympathisava com as ideias socialistas. Um desses camaradas, que era agente da «Tribuna do Povo», foi para a Detenção, lá permanecendo incommunicavel durante 9 dias e sujeito até ao interrogatorio do padre que o Estado paga para catechizar os detentos!...

Em casa dos presos foi a policia dar busca, levando paginas litterarias, artigos de jornaes, livros de sociologia, correspondencia particular. Até esta data nada disso foi devolvido.

O chefe de policia disse que *estava disposto a reprimir á bala a canalha que pretendia perturbar a paz social*, que não admittia critica á religião catholica, que não permittia reuniões operarias! O regimen do terror!...

A justiça denegou habeas-corpus aos presos. A imprensa limitou-se a noticiar os factos e o jornal semi-official («Jornal de Alagôas») chamou os libertarios de bandidos e affirmou que na Russia o povo alimentava-se de carne humana!...

O chefe de policia disse aos presos que estes eram bandidos, tratando-os como criminosos!...

E, no entretanto, nos boletins que o Grupo editou nunca pregamos a violencia. Diziamos apenas que os trabalhadores não confiassem em politicos e padres, que fizessem tudo por conta propria.

Felizmente, a prepotencia do Estado está sendo quebrada pela onda revolucionaria na Europa e temos fé que ella chegará tambem por essas regiões do Norte — e então...

ALENCAR.

*Maceió, 30-3-919.*

*** A Liga Patriotica Brasileira mandou rezar uma missa... para que o sr. Ruy chegasse á Bahia são e salvo. Por outro lado, o grande conselheiro impetrou uma ordem de habeas-corpus para poder andar pela sua terra sem ser perturbado...

Diabo! Missa e habeas-corpus como garantia da integridade physica duma pessoa (sem allusão ao sr. Epitacio) é um caso virgem na historia politica democratico-reaccionaria. Será que não se confia muito do Padre Eterno, ou, si se confia, acha-se de bom aviso pedir tambem auxilio ás togas do Supremo Tribunal? De qualquer fórma, ha um poder posto em cheque: ou o do céu não presta, ou o da terra é falso como Judas...

Como são inconscientes... ou hypocritas os patrioteiros!...

## A REVOLUÇÃO RUSSA

# COMO O MAXIMALISMO E' ENCARADO NA HESPANHA

### *UM INTERESSANTE ARTIGO*

A minha «Carta aberta a uma dama russa» — publicada domingo passado nestas columnas — teve resposta. E não pela doce Tatiana dos claros olhos sonhadores, mas, sim, por outra russa, Sofia. Não direi em que localidade de Hespanha ella reside, nem tenciono divulgar o seu appellido. Não vão prendel-a — como observou Julio Camba — pelo delicto de ser russa.

Sofia, commovida, me felicita. Abreviemos. Eis uns paragraphos da sua carta: «Não é sómente a suppressão da propriedade privada da terra o que lhe agradará, da obra revolucionaria na Russia. O sr., como todo o homem que vive do seu esforço diario, não pode sentir a menor sympathia por ess'outros que, sendo embora elementos passivos, ou, melhor, desnecessarios na vida de trabalho — no largo sentido desta palavra — açambarcam todo o fructo do esforço alheio».

A russa entra em pormenores e affirma que a missão desses elementos está terminada na Russia.

E accrescenta: «Ha doze Universidades mais; dez mil escolas mais, e o ensino, em todos os graus, é *para todos*...

Para que continuar? Não trato de o fazer bolchevista. Embora exotica para os senhores, essa palavra chegará a ser-lhes muito sympathica e agradavel ao ouvido. — Esses fuzilamentos em massa, essas hecatombes, esses contos terrorificos e arripiantes, não merecem sinão riso, senhor!»

A russa defende-se. A russa protesta, com uma certa amargura, contra o tom humoristico — tão nosso — dasminhas palavras frivolas, em que pretendi commentar a implantação do amor livre. Protesta e diz-me: «O *bureau* do Amor Livre não é uma feira carnal. As agencias telegraphicas o illudiram. E' a organização racional para defender a mulher dessa vergonha que se chama prostituição.»

Peço a Sofia que me perdôe. Aquillo foi dito sem tenção de offender. Espero que me não guardará rancor. E que, do meu artigo, conservará sómente as palavras com que eu quiz exteriorizar o afan em que estamos muitos hespanhoes por conhecer toda a verdade do que se passa, nestes dias, na Russia mysteriosa e longinqua.

Por felicidade minha, não estou só. Outras vozes mais autorizadas me acompanham. Desde a publicação da minha «Carta», e apenas numa semana, Hespanha fez-se onvir através algumas pennas, taes como as de Gabriel Alomar e Roberto Castrovido. Estes nomes são já dignos de atravessar as fronteiras, e eu deveria calar-me, si não fossem a resposta de Sofia e o meu desejo de engajar-me, embora muito humildemente, na cavalheiresca e nobre cruzada, a que se dispõe a Hespanha liberal, de nunca desmentida fidalguia.

Sejam as nossas pennas — amigos e camaradas — como a espada de lord Byron. E ponhamol-as ao serviço de todas as nobres causas.

Nem sou bolchevique, nem pretendo defender o bolchevismo; trata-se, simplesmente, de conhecer a verdade do que occorre na Russia. Não se pode consentir que, com espirito cerrado e impenetravel, se prejulgue a revolução dos bolchevistas, nem que se pretenda fazer-nos acreditar sejam elles uma horda de faccinoras. (Faccinoras que fundam Universidades e escolas, e si peccado commettem é o de excesso de legislação e de organização).

Quatro annos de constantes campanhas, enthusiasticas e effusivas, em favor da *Entente*, dão direito a intervir. Na hora em que, de redor das mezas em que se festeja o triumpho dos alliados, se levantam taças em mãos de homens desconhecidos e de duvidosa alliadophilia; na hora em que certos politicos apresentam as suas credencias aos vencedores, — temos nós a obrigação de falar alto e claro, os que na adversidade fomos fieis e nos mantivemos sempre na mesma attitude. E si os nossos ataques hão de ser para a amada França, que sejam. E si havemos de arremetter contra a admirada Inglaterra — berço até hoje de todas as liberdades —, façamol-o desapiedadamente. Esta é a hora da sinceridade. A Liberdade acima de tudo — a Liberdade «uber alles», revolucionarios allemães... Como nos une a todos este grito humano!

As interessadas resenhas de terrificantes matanças não conseguem convencer-nos; os crimes do bolchevismo, expostos por M. Pichon na Camara franceza (1), não nos merecem crédito; os relatorios terrorificos do principe Lvoff não os tragamos — isso da familia do Czar esphacelada a bayonetas é da *Inquisição por dentro*. — Necessitamos de que vão á Russia essas Commissões solicitadas pelos revolucionarios, para que — como diz Castrovido — «examinem, vejam e nos digam a verdade, toda a verdade».

Todos os homens de boa vontade devem unir-se para impedir — em nome da Humanidade, que está por cima das fronteiras mais ou menos circumstanciaes e convencionaes — que se chegue a perpetrar a pretendida intervenção alliada na Russia. Seria boa essa de se tornar a França agora o baluarte da reacção! Não esqueçamos as palavras de Gabriel Alomar: «A revolução communicou rapidamente, aos vencidos, um valor espiritual consideravel. Normalmente, uma revolução é um acceleramento do progresso. Os povos vencedores podem ficar para traz. E vão basear nesse atrazo a sua aggressão contra os que se atrevem a passar-lhes adiante?» Nunca, mestre, nunca! Não podemos consentir que se leve a cabo semelhante violencia. Não pode consentil-o nenhum homem que se prese de democrata. Que democracia seria então a nossa? Gravemos nos nossos escudos de incançaveis lutadores as palavras: «A democracia não tem mais que um dogma absoluto: a tolerancia no mundo das ideias, a benevolencia no dominio da vida pratica». Então porque um povo ensaia a applicação pura das doutrinas de Marx, vamos tratal-o como horda selvagem? Mas que é isso?

Alomar e Castrovido, Martinez, Sierra e tantos amigos e camaradas em Democracia e em Liberdade, que haveis dito a vossa palavra sobre o bolchevismo russo, não acreditaes, chegada a hora de oppôr a essa vergonhosa santa alliança exterminadora, que se projecta, uma Liga Hespanhola de Amigos na Russia, que consagre a sua força e os seus enthusiasmos a velar pelo dominio da justiça?

***Santiago Vinardell.***

## "A PLEBE"

A PLEBE publica-se sob a responsabilidade de um grupo de camaradas, estando a sua compilação confiada a *Edgard Leuenroth*.

Da administração está encarregado *Everisto Ferreira de Souza*, a quem deverão ser endereçados os vales postaes e registrados, devendo ser com elle tratado tudo quanto se relacione com o trabalho de assignaturas, pacotes, venda avulsa, bem como a cobrança em geral.

* * *

Os amigos e companheiros que effectuaram pagamentos na primeira phase do jornal, terão as respectivas importancias levadas ao seu credito, desde que nol-o communiquem.

* * *

Além de dar a maior divulgação possivel á folha e estender a nossa propaganda, além das assignaturas, estabelecemos a venda avulsa em pacotes, para serem adquiridos pelas organizações operarias, grupos, companheiros e sympathizantes que tratarão de os distribuir ou revender.

Cada pacote de *12 exemplares* custa *1$000*, não devendo haver demora nos pagamentos, pois isso crearia embaraços á nossa administração, já sobrecarregada de muito trabalho.

# Nucleos de Vanguarda

### *Em Campinas*

GRUPO LIBERTARIO — Com o fim de desenvolver a propaganda anarchista nesta cidade, onde o elemento clerical exerce descricionariamente a sua acção deleteria, acaba de ser constituido, por iniciativa de varios camaradas, o Grupo Libertario, cuja direcção é a seguinte: rua Regente Feijó, 78.

Os seus componentes acolheram favoravelmente a iniciativa da fundação do Partido Communista do Brasil, dispondo-se a contribuir para a obra que o mesmo se propõe sustentar.

A onda vermelha que se avoluma e avança

# A Revolução Social no centro da Europa

## Proclama-se a Republica dos Soviets na Hungria e na Baviera — Espartaco resurge na Allemanha

Clemenceau, esse velho rancoroso que devia ser encerrado numa casa de saúde para que o nervosismo que lhe vem do diabete não imprimisse mais á actual politica dominante na França um caracter cada vez mais liberticida, que se vai aggravando de dia para dia; Clemenceau, que se tem posto, para satisfazer a propria megalomania, ao serviço da alta finança franceza que faz questão de rehaver os muitos milhões emprestados ao governo do Czar e que para rehavel-os gasta milhões em publicações para forjar uma opinião desfavoravel aos maximalistas; Clemenceau, surdo ao aviso de Cottin, quer hoje, qual novo Pedro o heremita, se collocar á frente de todas as forças reaccionarias, liberticidas, com o fim de organizar uma grande cruzada contra o maximalismo que avança do oriente para o occidente.

Elle acredita, ou finge acreditar, que a actual revolução com caracter communista do povo hungaro seja um producto de importação russa, assim como o governo pseudo-socialista da Allemanha accusa os russos de terem fomentado o espartacismo.

O movimento socialista na Hungria foi sempre de uma certa importancia e o odio do povo hungaro contra os nobres madgyares não é esta a primeira vez que explode. E se desde os primeiros dias do armisticio não foi possivel estabelecer um governo francamente socialista em Budapest, o facto ha de ser attribuido á solicita adhesão que a burguezia, e até mesmo os imperialistas, deram ao novo regimen, para lhe tirar o caracter extremista e desvial-o para uma fórma de democracia social que permittisse substituir o privilegio de classe. O mesmo se deu na Allemanha, na Baviera e na Austria; o mesmo se dará na França na Italia e na Inglaterra.

Esse novo governo, porém, não podia satisfazer os compromissos tomados com o proletariado, dando-lhe pão e trabalho. A diplomacia imperialista da «Entente», na sua cegueira, na cegueira de todos os conquistadores, queria apertar á Hungaria o laço ao pescoço até o ponto de asphyxial-a.

Emquanto, pois, a onda maximalista augmentava e subia, os governantes democraticos viam-se obrigados a ter de, dia mais, dia menos, assignar a mais vergonhosa das capitulações.

Preferiram então abandonar a nobreza e a burguezia rural da Hungria ao seu destino e fizeram hontem o que fatalmente teriam sido constrangidos a fazer amanhã: abandonaram o governo nas mãos dos proletarios. E estes organizaram logo o governo socialista e armaram a guarda vermelha para defender a revolução dos inimigos internos e dos inimigos de fóra, — os alliados.

Na Hungria, como na Baviera, porém, estamos ainda no primeiro periodo da revolução russa... estamos ainda longe do communismo; mas o caminho está aberto e já livre de muitos obstaculos.

O movimento, e nisto consiste a possibilidade da victoria integral, alastra-se aos povos vizinhos; aos servios, aos rumanos, aos bulgaros, aos croatas, povos que já tentaram antes o seu movimento maximalista e que agora voltam a tentar a sorte com mais fé.

A onda vermelha, portanto, se estende do oriente para o occidente e a cruzada de Clemenceau talvez venha em boa hora para precipitar os acontecimentos. Porque é facil aos generaes combinarem planos para invasões e cordões sanitarios, mas o que hoje para elles não é mais facil é encontrar exercitos para tão desvariada empresa.

Se o maximalismo fosse um phenomeno local, estrictamente russo, talvez que elles chegassem a salvar o imperialismo occidental e a burguezia universal. Mas o maximalismo não é senão o socialismo revolucionario e o socialismo revolucionario é de todos os paizes.

E porisso, nunca, como hoje, depois da organização destas novas republicas dos soviets, a nossa fé na redempção dos trabalhadores do mundo inteiro foi tão grande e cheia de esperanças.

## Farpeando

Quando vi passar pela praça Antonio Prado o interminavel cortejo que acompanhava o sr. Ruy á gloria da... Rotisserie, assistindo ao desfilar de todos aquelles milhares de pessoas, povo verdadeiro, não pude conter-me e, inconscientemente, falei alto: "Desta vez o homemzinho vai mesmo..."

Esta minha natural exclamação parece, porém, que pizou nos callos cerebraes de um meu vizinho: um homem alto, magro, resequido, bastantemente velho e todo nervos. Um verdadeiro typo nacional, ainda não atacado pelas molestias extrangeiras e talvez refractario a todas as que, e não são poucas, nos pertencem. Asperamente elle retrucou logo:

— O senhor é um idiota.

— Obrigado pelo... bom dia; mas quer-me parecer...

— Repito que o senhor é um idiota.

— Obrigado... digo.

— Não ha de que. O senhor é um idiota; digo-lhe eu que o homem não vai... não interrompa... não vai... O senhor é moço ainda...

— Quarenta e tantos!

— O senhor ainda não havia nascido eu era já pai. Não póde, portanto, comprehender certas coisas. Depois, parece-me que tem cara...

— De idiota? Já o disse.

— Não, de maluco, de quem vive nas nuvens. Digo-lhe que não vai e sabe porque?

— Se o senhor sabe...

— Porque toda essa gente votará no outro.

— No Epitacio? Uma nullidade...

— Nada de nullidade. Politicamente, os dois valem a mesmissima coisa. São da mesma laia. Mas o Epitacio tem em seu favor já ter sido eleito pelo syndicato...

— ...electrico?

— Não sei de que electricidade o senhor me fala; digo: pelo syndicato da podridão nacional:

— Apoiado pela podridão. Mas, pelo Ruy se levanta o povo...

O meu homem cuspiu longe. Protestei, devia protestar. A coisa era evidente. Trinta mil pessoas continuavam a desfilar diante de nós ao grito de: "Viva o Ruy!"

— Mas o senhor é cego, o senhor é surdo?! Não ouve, não vê?

— Vejo e ouço; mas o facto é que todo esse grande rebanho de carneiros votará no outro.

— No Epitacio... e porque?

— Porque? Queira prestar attenção. Falarei como os prophetas biblicos, por parabolas. Escute bem. Eu fui livre pensador desde a escola. No entanto, casei na igreja. Mais tarde filiei-me á Maçonaria. E isto não me impediu de baptizar meus filhos. Com o tempo e a leitura acabei de perder o ultimo resto de fé num Ente Supremo. Um deus para que, desde que não serve para nada? E foi naquella época que comecei a assistir á missa todos os domingos.

— Extraordinario!

— Acha? Pois bem, considero-me moralmente um canalha, um hypocrita. E, ás vezes, quando o asco me aperta a garganta, se ha uma demonstração anti-clerical, saio á rua e grito: "Morram todos os jesuitas!"

— Mas quem obriga o senhor a simular convicções que lhe repugnam?

— Quem? Sei lá! Ninguem e todos. O meio, as relações, o costume e a necessidade. Eu preciso viver, os meus filhos precisam viver e estamos acostumados a uma certa fartura. Sou empregado publico, somol-o todos na familia. E não fazemos nada. Assignamos o ponto, tomamos café e lemos jornaes... E, depois, quero acabar a minha confissão: eu vivo acovardado; todos vivemos acovardados neste paiz. O senhor tambem.

— Eu, não!

— Não proteste, não diga mentiras. O senhor, como todo esse pessoal barulhento que está desfilando, grita: "Viva Ruy", porque lhe falta a coragem para gritar: "Abaixo o governo!". Porque não tem fé em si mesmo e espera que o ha de libertar um homem qualquer... O senhor comprehende?

— Alguma coisa...

— Na minha vida já fiz tolices e votei tambem nos candidatos da opposição. Já vi os oposicionistas subirem ao poder pelos votos e a força de tiros. Pois bem, as coisas ficaram como dantes.

— Então não vote mais.

— Impossivel. O dever eleitoral faz parte do emprego. E' uma baixeza comprehendida no ordenado. Se eu voto pelo candidato da opposição e se isso descobre, perco o emprego.

— Mas se o candidato da opposição sobe ao poder?!

— Perco-o da mesma fórma; serei substituido por qualquer recommendado ou parente de algum prócere da opposição.

— Pelo que vejo, o senhor reduz tudo a um calculo egoista. O que, porém, hoje se procura é reerguer a nação...

— Reerguer... o que? A nação? Não diga asneiras! A nação que vota é uma nação covarde. O cidadão eleitor é um velhaco que não se sentindo com forças para pegar numa carabina, pega num pedaço de papel que não dá nem para aquelle serviço e o vai depositar num urinol...

— Desculpe, na urna.

— E' o mesmo; é um vaso. Póde servir para diversos mistéres. Não é com essas palhaçadas que se livra um povo; não é organizando um governo novo, identico ao velho, que se reergue uma nação apodrecida. Só a ferro e fogo!

— O senhor está anarchizando.

— Eu, não. Estou num dos meus dias. Nos dias do asco que me aperta a garganta... Mas isso passa. Votarei no governo.

— No governo que odeia e despreza?

— Exactamente. E toda essa gente fará o mesmo. O senhor tambem.

— Eu não. Eu não estou alistado.

— O senhor não está alistado? E porque não me disse logo? Não lhe teria passado descomposturas. Talvez que do senhor se tire alguma coisa... Sabe manejar uma winchester?

— Não.

— Então o senhor é, como os de mais, um covarde, um eleitor: podridão social como sou eu. Até á vista.

E o homem lá se foi, gesticulando, cuspindo, resmungando...

E eu fiquei, lá, na praça Antonio Prado, de bocca aberta, como um estupido qualquer, como um eleitor convencido da sua importante qualidade civica... a ver voar as moscas.

SIMPLICIO.

## Aos que recebem "A Plebe"

Nas listas que conseguimos reunir de pessoas que neste vasto paiz têm o espirito bafejado pelo ideal redemptor que agita o mundo e á propaganda do qual nós, filhos desta terra ou aqui radicados, dedicamos o melhor do nosso esforço, encontra-se o vosso nome. E' a razão pela qual estaes recebendo *A Plebe*.

Agrada-vos a sua leitura? estaes de accordo com a sua obra? quereis que tambem nesta immensa região da America se apresse a marcha do ideal que ella defende?

Pois, então, assignae-o, e logo que puderdes, já, se fôr possivel, mandae-lhe a modesta importancia de sua assignatura, porque dahi lhe advem a sua condição de vida. Caso contrario, sêde cavalheiro — devolvei-nos immediatamente o jornal. E' insignificante o esforço e nos poupareis gastos e trabalho.

## FARPAS DE FOGO

### Burrice... civilizadora

A *Capital* conta entre os seus collaboradores effectivos com o sr. Alvaro Miller que, pelos modos, tem a mioleira transtornada pelo patrioteirismo facciosamente intolerante. Assim, escrevia ha dias: «E' preciso destruir a kultur e o bolchevismo. E' preciso salvar a Civilização e o Direito. Eis tudo.»

Como se vê, para elle não ha distincção entre kultur e bolchevismo. Este, que é inimigo acerrimo do militarismo, da conquista, das guerras e da burguezia, é a mesma coisa do que aquella, que é partidaria do poder militar, da escravização dos povos, do roubo, da chacina e do aviltamento das classes trabalhadoras. Civilização, Direito e mais lérias burguezas é opprimir a nações vencidas na colossal sangueira a que assistimos durante quatro annos, é combater o proletariado que deseja viver livre e emancipado dentro das bases da cooperação e do accôrdo mutuo; é enviar expedições para guerrear quem, de harmonia com os principios wilsonianos, escolheu os seus proprios destinos; é... Mas para que citar mais crimes, mais iniquidades, mais infamias da decantada civilização actual?

O escrevinhador anti-maximalista, não ha negal-o, é duma intelligencia a toda a prova... Quer o exterminio das ideias de igualdade, não é exacto? Pois muito bem: Segundo os da sua grei, só ha igualdade no... reino do céu. Vá para o céu o sr. Miller. Lá é que é a mansão dos pobres de espirito... E tambem das creaturas que só abrem a bocca para dizer sandices...

### Lançando a isca...

No mesmo jornal escorre as suas pestilencias espirituaes o sr. Zoroastro Prado, cuja megalomania consiste em chamar os operarios á felicidade, sabem de que maneira? — Suffragando o nome do candidato á presidencia da Republica imposto pelas olygarchias!!!

Os trabalhadores, é claro, ouvem e... viram-lhe as costas desdenhosamente. Por demais conhecem elles que *Epitaphio* ou Barbosa, Antonio ou Militão, nenhuma differença existe entre os dois. Ambos burguezes, argentarios e capitalistas; ambos representando a ignobil sociedade em que vivemos; ambos, emfim, inimigos do povo, da liberdade e do bem estar de quem tudo produz sem nada ter, — os candidatos á suprema magistratura do paiz a unica *felicidade* que poderão conceder aos obreiros é esta: se reclamarem mais uma migalha de pão, cadeia; se protestarem contra a exploração dos patrões gananciosos, deportação; e se se revoltarem ante as prepotencias e os abusos dos mandões do poder, fuzilamento na praça publica.

Mas o sr. Zoroastro, que só agora se dignou apparecer como *amigo* dos operarios; o sr. Prado, que perde tempo com os seus destemperos patriotico-eleitoraes, — acha que isso são coisas inevitaveis, naturaes e necessarias e, por isso, lança a rêde aos operarios, armando em lobo feito camarada do cordeiro...

Entretanto, estamos certos de que os trabalhadores não cahirão na armadilha. Vote quem quizer nos... Messias da ultima hora. Os operarios o que devem fazer é isto: imitar o peixe matreirão que come a isca mas... fica-se rindo do anzol!

*Andrade Cadete.*

EM MARCHA

# Está constituido o Partido Communista do Brasil

## QUAL E' O SEU OBJECTIVO

### A primeira circular do Partido

Rio de Janeiro, 23 de março de 1919.

Camarada:

Saúde!

Diante do enthusiasmo que reina nas classes trabalhadoras e no povo em geral pelos movimentos que se desenrolam no mundo tendentes a uma transformação social e amplamente baseados nas ideias communistas, os libertarios do Rio de Janeiro, reunidos no dia 9 do corrente, accordaram formar o Partido Communista do Brasil, afim de desenvolver activa propaganda entre todos os camaradas no sentido de formar nucleos em todas as localidades do paiz.

Para esse fim, contando que seja secundado pela tua acção nessa localidade, te enviamos annexas as bases, o resumo do programma e os meios de acção.

Quanto ao programma detalhado que fórma a Constituição da futura organização social, ser-te-á enviado em tempo opportuno, para seu competente estudo.

Avante, pois, na formação do numero de nucleos possiveis, consoante as bases! — *O Secretariado.*

### As Bases de Accordo do Partido

1.o — Podem fazer parte do Partido todos os homens e mulheres residentes ao Brasil que estejam de accordo com o seu programma e meios de acção.

2.o — O ingresso como socio no Partido vale por um compromisso pessoal de defender e propagar o programma acceito.

3.o — Em cada localidade do Brasil onde se constitua um nucleo do Partido, este designará um Secretariado que será o orgam de propaganda local e de relações com os demais nucleos do paiz.

4.o — O Secretariado de cada localidade compor-se-á do numero de membros de accordo com as circumstancias e necessidades locaes.

5.o — A contribuição de cada socio do Partido será de mil réis mensaes, destinada apenas ás despezas de propaganda local e correspondencia.

6.o — As despezas de caracter geral, interessando parte ou a totalidade dos nucleos, bem como as despezas eventuaes e extraordinarias, serão cobertas por meio de subscripções voluntarias e de occasião.

7.o — O entendimento collectivo entre os nucleos de uma determinada região do paiz, ou de todo o paiz, se fará por meio de conferencias dos delegados dos nucleos que possam comparecer.

8.o — Cada nucleo do Partido enviará a essas conferencias os delegados que entender, sendo que as deliberações das conferencias se tomarão por accordo unanime.

### Programma do Partido

Tendo em vista que a actual organização social, baseada na propriedade privada e no principio de autoridade divide os individuos em diversas classes com interesses antagonicos e irreconciliaveis, submettendo a classe trabalhadora, que constitue a maioria do povo, á exploração de uma exigua minoria parasitaria; tendo em vista que o Estado burguez e autoritario, defensor acerrimo dos interesses dessa minoria, acha-se impotente para resolver a crise economico-social produzida pela propriedade individual e aggravada pela horrivel guerra que a burguezia preparou, para satisfazer suas ambições de ouro e afogar em sangue a ideia de uma transformação social que se accentuava em todo o mundo; reconhecendo que os povos de todos os paizes se preparam para pôr em pratica essa transformação, afim de assegurar a todos os individuos a satisfação plena das necessidades materiaes, moraes e intellectuaes, o que o povo russo já conseguiu essa transformação pela acção e programma do partido communista daquelle paiz, o Partido Communista do Brasil defende:

1.o — A abolição da propriedade privada que constitue base para exploração do trabalho alheio, passando a ser posta em commum; ficando, porém, a pequena propriedade em poder de seus possuidores, sempre que seja de seu exclusivo usofructo. Será de livre alvitre dos possuidores de pequenas propriedades incorporal-as ou não á communidade, mas não poderão, em sua falta, legal-as ou transferil-as a outrem e passarão a fazer parte do patrimonio commum.

2.o — Socialização de todas as industrias, agricultura, meios de transporte e de communicação, que serão administrados pelas respectivas associações de classe e dirigidas por profissionaes competentes em cada ramo de producção e actividade. Os individuos encarregados de dirigir a producção e a actividade social exercerão apenas funcções de organização e administração, mas nunca de mando.

3.o — Regulamentar as horas de trabalho de accordo com as necessidades de producção e de consumo.

4.o — Estabelecer o trabalho obrigatorio para todos os individuos validos, de 18 a 50 annos.

5.o — Distribuir a producção entre os individuos, segundo as suas necessidades, e estabelecer a troca reciproca entre as communidades urbanas e ruraes.

6.o — Assegurar accessivel para todas as pessoas livre e completa instrucção racional.

7.o — Garantir absoluta liberdade de pensamento e de reunião para todos os individuos.

Este programma, em synthese, é susceptivel de reformas de accordo com a evolução que se operar no povo, e, para obter a sua realização, o Partido adopta como meio de acção a propaganda fallada e escripta a todas as pessoas do Brazil, até estabelecer uma alliança de individuos de diversas classes que possa garantir o exito da transformação que o Partido Communista do Brasil se propõe realizar.

A acção do Partido consiste na propaganda systematica, por todo o paiz, do socialismo integral ou communismo e na arregimentação e educação do proletariado em geral para posse dos poderes publicos — unico meio pelo qual poderá realizar o seu programma.

A propaganda será feita por meio de folhetos, manifestos, comicios, conferencias, representações theatraes, etc., e por meio de um semanario que será o orgam official do Partido. (Este periodico tornar-se-á diario quando as circumstancias o permittam).

Fiel aos principios da Internacional, o Partido Communista do Brasil manterá relações com todos os seus afins do exterior, com os quaes será solidario.

### A absolvição de Villain

## Luva de desafio da burguezia

Pode ser que Villain, rebotalho das escolas clericaes, filho predilecto dos padres maristas, seja um irresponsavel... como o foi Jacques Clement, docil instrumento dos padres da Companhia de Jesus. Irresponsavel no sentido da degeneração physica, com ardil explorada por aquelles que do homem tarado ou desmiolado sabem fazer não sómente um cadaver, mas, ás vezes, tambem um assassino. Não estigmatizamos a absolvição de Villain porque esta absolvição impediu ao carrasco de Pariz de fazer funccionar a "viuva" mais uma vez. Não é do homem que nos preoccupamos. Volte elle ás praticas do onanismo clerical: a vida desse fanatico nunca seria um holocausto dignamente expiatorio para applacar os manes do grande socialista; nunca seria uma reparação á altura da importancia historica representada pelo assassinato de Jaurés.

Fazemos abstracção do homem. Julgamos o veredicto do jury de Sena pelo que elle vale, isto é, como uma sentença de classe, como um veredicto politico, como uma homenagem ao clericalismo sanguinario.

A absolvição de Villain, lavrada poucos dias após a condemnação de Cottin, que não matou, é uma luva de desafio atirada pelo governo francez aos socialistas, aos revolucionarios, aos anarchistas de todo o mundo. E' o Estado que se colloca ao lado do clero, em serviço do Capitalismo, sem rodeios de phrases, sem burlas democraticas; é o Estado, amparado pela Igreja e pelo Capital, que arranca affoitamente a mascara e nos declara guerra de exterminio e garante a impunidade a quem quer que seja que, por vontade propria ou por suggestão, queira matar o inimigo — o socialista.

E' a guerra de morte, com a indulgencia plenaria para o homicidiario?

Pois bem, nós a acceitamos. Jean Jaurés será vingado, mas não sobre o corpo doentio do fanatico Villain...

A Igreja que armou a mão do criminoso; o Estado que protegeu o assassino; a burguezia que o glorificou — pagarão por elle.

E logo. A onda sóbe...

*O.*

## DE CAMPINAS

# A tyrannia policial em acção

## Violencias innominaveis — Operarios presos e maltratados.

Apezar do tempo decorrido, ainda perdura no espirito publico a dolorosa impressão produzida pelo banditismo da policia praticado na Porteira da Capivara, crime esse até hoje impune e que ficará perpetuado na memoria dos campineiros como sendo a *chave de ouro* com a qual s. exa. o dr. Juvenal Piza abriu as portas de sua *brilhante* carreira nesta cidade pacifica.

O mandante desse hediondo attentado contra o povo, o famigerado ex-Trepoff Eloy Chaves, vai receber como premio de seus nefandos crimes uma cadeira de deputado, e isso incita os delegadetes a continuarem pisando sobre as leis de que se dizem defensores e violando os mais comesinhos principios de humanidade. Já que o Santo Officio da Secretaria da Justiça endossa, approva e premia as violencias, arbitrariedades e abusos de seus esbirros, conclue-se que o direito do cidadão está abolido por toda a parte, a Constituição revogada, ficando os nossos lares sujeitos á invasão desses cães da policia, que vivem embriagados, sob qualquer pretexto futil.

Os abusos inqualificaveis e as violencias inauditas continuam a ser diariamente aqui praticados pelos beleguins policiaes com o beneplacito do dr. delegado.

O «Commercio de Campinas» e o «Diario do Povo», ha dias, verberaram o procedimento inquisitorial da famigerada policia, sendo o ultimo desses jornaes ameaçado de «*ver artigos escriptos, á ponta de espadim*». O «Diario» reclamou providencias, mas o gabinete negro do delegado é impenetravel e a reclamação lá não chegou!

Ha pouco tempo, foi preso o operario Sebastião Corrêa, e lá ficou na «Bastilha Policial» durante cinco dias, sem culpa formada e sem ao menos ter sido interrogado!

Isto já chegou a um estado de verdadeiro bondoleirismo.

A' sombra da legalidade, dispondo da protecção dos topetudos da alta politica, os delegados brutaes commettem todas as arbitrariedades e injustiças que o seu temperamento morbido exige, sem o menor vislumbre de consciencia.

Outro caso typico é o do operario Eduardo Gallinucci que, pelo grande delicto de manifestar ideias libertarias, foi encarcerado, passando por brutalidades infames, sendo expulso em seguida.

Este revoltante procedimento das feras da policia foi denunciado pela escalpelante penna de Ivan Subiroff, no «Estado» de 26 do mez passado.

Esses são factos que se dão todos os dias, pondo em evidencia que retornamos aos ignominiosos tempos da Inquisição, em que o bonzo Torquemada dispunha da vida do povo com o seu negro tribunal. Um caso que caracterisa as infamias da policia é a falta de inqueritos e as perseguições movidas aos homens que não têm a consciencia envenenada e que têm ideias livres.

A policia local aboliu o artigo 72 da Constituição.

A liberdade do cidadão é uma utopia, pois depende do chanfalho e das patas dos cavallos.

Mas esses factos deprimentes hão de ter seu fim; não tarda o dia em que o almejado maximalismo varrerá com essa instituição para os monturos da idade média, fazendo raiar a aurora do verdadeiro seculo vinte!

*Campinas, 28-3-919.*

*Libero Floreal.*

## Ruy Barbosa e a Questão Social

# Refutação do Partido Communista

### O QUE DISSE JOSE' ELIAS DA SILVA

Começando a falar, José Elias da Silva, apreciou com profundo golpe de critica a conferencia do Lyrico. Começou por se referir á impressão que a alguns poderia causar a attitude do Partido Communista do Brazil, rebatendo e criticando algumas infelizes affirmações do sr. Ruy Barbosa. São chegados, no emtanto, os tempos das explicações sinceras, das explicações desataviadas. Embora possa parecer vaidade um simples operario, sem pergaminhos ou titulos doutoraticos, discutir o que o conselheiro Ruy solennemente declarou, o orador não póde deixar que fiquem sem o necessario commentario inverdades e absurdos incompativeis com as tendencias modernas. Anima-o o facto de não estarmos mais no tempo do **magister dixit**, e sim na época em que tudo é pezado e medido e que as autoridades scientificas já não podem impunemente dizer asneiras.

Não se póde ver vaidade no simples facto de um homem discordar das opiniões de outro homem e vir a publico expor as suas ideias.

Demais, na questão que se debate, o orador tem direito á opinião pelos soffrimentos que por ella tem supportado, não sendo a sua interferencia no assumpto um mero accidente politico de propaganda de candidatura.

O orador affirma não fazer, e com elle todos os demais camaradas communistas, opposição politiqueira ao sr. Ruy. Não é por nenhum dos candidatos á governança. Comprehende que a organização vigente é que deve ser atacada, seja com estes ou com aquelles homens. O sr. Ruy vindo, porém, falar aos operarios, tem que soffrer a critica destes, que não são, como elle talvez pense, uns Jéca-Tatús ahi das ruas.

Entrando na critica da conferencia do sr. Ruy Barbosa, faz sentir que o conselheiro faltou ao titulo que deu á sua peça. Baptisou-a de "Questão Social" e apreciou exclusivamente a questão operaria.

— A questão social não é uma questão de operarios e patrões, affirma, e sim uma questão de mal-estar geral.

Os trabalhadores podem conseguir melhorias dentro da organização burgueza sem que seja satisfeita a questão social, pois que a exploração subsistirá.

O proprio bacharel que anda com o fraque sujo, lutando contra a concorrencia de seus collegas, não sendo operario, tem, no emtanto, sua "questão social". A questão operaria é uma modalidade da questão social; será a sua parte economica, a divisão do trabalho, mas nunca a questão social, como tão lastimavelmente confunde o sr. Ruy Barbosa.

Faz notar que o sr. Ruy, muito calculadamente, limitou a sua critica aos que governam, mostrando a canalhice ladravaz dos que occupam as posições de governo. Silenciou, no emtanto, sobre as ambições dos grandes capitalistas, os verdadeiros expoentes do regimen burguez, criando assim uma dualidade impossivel.

— Porque não fez o sr. conselheiro Ruy a critica dos banqueiros, dos grandes monopolizadores da producção, que deixam á mercê da fome toda uma cidade, todo um paiz?

Não ha differença entre os que exploram açambarcando o trabalho e os que garantem essa infamia com a força organizada. Ha privilegios politicos, mas tambem os ha economicos, causa dos primeiros, e aos quaes não gosta o sr. Ruy de apreciar..

Mostra que mesmo a burguezia concedendo lucros aos trabalhadores, como querem os sociologos de ultima hora, a questão social não se resolveria. Dentro das bases desta sociedade, da sociedade capitalista, da concorrencia pessoal, se todos os operarios tivessem lucros o conflicto social não se acabaria, ao contrario, recrudesceria com mais impeto a luta individual.

A razão desse phenomeno está na propriedade individual dos instrumentos de trabalho. Os communistas pretendem solucionar a questão atacando-a pela raiz: a posse collectiva dos instrumentos de trabalho e producção. O communismo, portanto, só póde ser anarchico, isto é, sem a violencia organizada que é o Estado, mantenedor da propriedade privada. Isto não significa, de nenhum modo, falta de direcção. A direcção, então verdadeira direcção, será technica, baseada na competencia e no livre accordo.

Refere-se ainda ao enorme desperdicio de energias que é o Estado, com os seus excessos de empregados e repartições inuteis á sociedade. Mostra o desperdicio de trabalho e material que ha na organização burgueza, onde é logico a existencia de casas fechadas porque os proprietarios não encontram quem lhes pague o que elles pedem; armazens abarrotados de viveres, emquanto a população soffre os horrores da fome, pois que é conveniente ao capitalista esperar a alta dos preços.

Faz ainda sentir que o sr. Ruy confunde deploravelmente material de trabalho com capital, dizendo que não póde existir trabalho sem o capital. Capital não é os instrumentos de trabalho — é a posse desses instrumentos.

Se os operarios precisam da machina para construir, não significa que necessitem do possuidor. E' contra esta dependencia que os communistas se insurgem e não contra o capital-machina. Dizer tambem que a propriedade é um incentivo do trabalho, póde ser muito conselheiratico, mas é errado. O trabalho é oriundo das necessidades, unicamente das necessidades.

Debaixo dos mais calorosos applausos terminou o camarada José Elias da Silva sua admiravel oração, que prendeu na maxima attenção o grande numero dos que foram ouvil-o no Partido Communista Brazileiro.

## Cottin-Villain

O elemento da Vanguarda Social de Paris respondeu dignamente ao desafio da burguezia franceza. Uma multidão de 300 mil pessoas percorreu as ruas principaes da cidade da Communa cantando a "Internacional" em memoria de Jaurés e como um protesto contra a provocadora absolvição de Villain.

O capitalismo comprehendeu o alcance do aviso: commutou a pena de morte a Cottin a dez annos de prisão.

Significativo! A França revolucionaria começa a despertar.

## CLEMENCEAU-JAURÉS

O acaso, sempre tão caprichoso e vario, desta vez acertou, reunindo, sobre um mesmo palco e dentro de uma mesma scena, quatro personagens historicos, formidavelmente tragicos: Cottin, Villain, Clemenceau, Jaurés.

Cottin attentou contra a vida de Clemenceau e foi, por isso, condemnado á morte. Villain assassinou Jaurés e foi absolvido; de modo que a mesma Justiça que condemnou Cottin á morte, absolveu Villain, assassino.

Jaurés, Clemenceau... Clemenceau é o tigre; Jaurés, o cordeiro. Clemenceau é o passado, o capitalismo, a burguezia, a exploração do homem pelo homem, a miseria das classes trabalhadoras, o imperialismo conquistador, o velho regimen, emfim. Jaurés é o socialismo, o trabalho civil obrigatorio, a extincção da propriedade privada, o communismo, o desarmamento, a concordia, o amor, a felicidade, a abundancia.

Jaurés salvaria o mundo. Clemenceau o perde, querendo conserval-o com os seus odios, as suas «revanches» e a sua burguezia corrupta. Mas Jaurés não morreu. Para a ardente geração socialista, o morto é Clemenceau, porquanto, por mais que façam e desfaçam, por mais que combinem e descombinem todos os Pichons e Clemenceaus da terra, o sol do Communismo será o sol de amanhã.

Villain, Cottin... Este não poude dar cabo de um tigre, aquelle é o assassino de um cordeiro. Para o que poupou o tigre, a pena de morte summaria e rapida; mas para o matador do cordeiro, para o assassino de Jaurés, a vida, a liberdade, os elogios da imprensa, o applauso da burguezia, o incenso da gloria, a consagração de heróe!

A França dos Pichons, a França de hoje, que se proclama a defensora do Direito e da Justiça, precisou de **4** annos para julgar Villain, assassino; e de uma semana apenas para condemnar Cottin! E, condemnando á morte quem não matou, a defensora do Direito e da Justiça é mais severa do que foi Talião, porque este, ao menos, estabeleceu: dente por dente, olho por olho.

Como se vê, tudo isso é vergonhoso, cynico, revoltante! A França tão amada, tão admirada hontem pelos seus homens, pelos seus genios, pelas suas tradições heroicas, polluida agora pelos Pichons, é hoje a mais retrograda, a mais conservadora nação do mundo. E' a traducção da Prussia correcta e augmentada!

Para os que olham, contiantes e admirados, a grande Russia e, ultimamente, a Hungria viril e ardente, para nós, socialistas, homens de um novo mundo, a França é o passado remoto e negro. E, no emtanto, da França é que deveria ter partido o primeiro grito de revolta. Mas não. Quiz o fado que dessa mesma França, que derrubou a Bastilha, partam hoje para Odessa, para Arkangel, para os confins da Siberia, os heroicos «poilus» que fizeram a guerra ao militarismo allemão, ao imperialismo prussiano...

Mas o guante dos Clemenceaus um dia cederá. E' fatal, é necessario, é justo. E nesse dia, veremos, então, numa apotheose, sob a palpitação violenta da bandeira vermelha, renascer explendida, illuminada, a França de Proudhon e de Jaurés.

OCTAVIO.

*** Não ha nada mais triste e mais inexplicavel que a fascinação que exerce ainda hoje o suffragio universal sobre a generalidade da classe trabalhadora... Se alguma coisa demonstrou a historia destes ultimos annos, é que a emancipação politica do proletariado resultante da sua admissão ao escrutinio, é uma burla; e que toda a intervenção eleitoral da classe trabalhadora converte-se fatalmente em proveito do seu inimigo — a burguezia. — *Jules Guesde*.

## "A PLEBE"

Vai num crescendo animador a acceitação do nosso orgão de guerra social.

Elevamos a **dez mil exemplares** a tiragem deste numero. E não parará ahi, pois a sua procura augmenta.

Muito bem! Viva a "Internacional"!

Na proxima semana publicaremos o balancete que, por excesso de materia, não póde sahir neste numero.

Advertencia necessaria: Com a elevação da tiragem do jornal, as suas despesas augmentaram consideravelmente. Por isso, se as contribuições dos camaradas e amigos tardarem, vernos-emos em sérios embaraços.

*** Mudando de ministros não se faz mais do que mudar de ladrões. — *Christina*, rainha da Suecia.

## ERRATA

A minha noticia publicada no n. 6 da *Plebe*, apezar de minuscula, ainda teve espaço para dois erros, um grave e outro menos grave. Este ultimo — "forasteiros literarios", quando devia ser "forasteiros libertarios" — nem merecia as honras duma emenda, si apparecesse desacompanhado. Vai a reboque. O outro, o grave, foi o seguinte: «Para o Celso Vieira, amanuense e amigo do Sr. Ruy Barbosa...» Seria calumnia, cuja culpa não me cabe, mas á revisão. Eu escrevi: "Para Celso Vieira, amanuense e amigo do Sr. Aurelino Leal, que é correligionario exaltado do sr. Ruy Barbosa..." O revisor enguliu o Sr. Aurelino, o que é triplamente lamentavel: para mim, por me fazer affirmar o que não quiz; para o publico, que leu uma inverdade; e não sei se a entendeu; e para o revisor — que não enguliu boa coisa... — *Astper.*

## Em pról dos camaradas presos

Conforme noticiamos em outro numero, a União dos Canteiros de Cotia promoveu uma subscripção entre seus associados em favor dos companheiros presos no Rio em consequencia dos successos de 18 de novembro. E' a seguinte a lista que a activa agremiação nos enviou:

A. Z. saudando a todas as victimas, 5$; Catharina Zanella, 2$; Atea Zanella, 1$; Bernardino Pascual, 10$; Fernando Zanella, 10$; Santiago Pascual, 5$; Castor Pascual, 2$; O. Ghilardini, 1$500; Luiz Razziere, 1$; A. Gonçalves, 1$; J. de Souza, 1$; D. Ribeiro, 2$; Mamasari, $500; A. Ribeiro, $500; A. Ventura, 1$; J. Fernandes, $500; B. Spina, 1$000. — Total, 45$000.

## Festa de propaganda Pró-"A Plebe" e pró-presos por questões sociaes

*No dia 30 do corrente, no salão CELSO GARCIA*

*Promovida pelo Grupo "OS SEMEADORES"*

### PROGRAMMA

I — Hymno dos Trabalhadores, pela orchestra;

II — *I.o de Maio*, bella peça social em 1 acto, em hespanhol, do inesquecivel camarada Pedro Gori;

III — Conferencia sobre a Questão Social;

IV — *Arlequin el Selvage*, excellente drama social em 3 actos, em hespanhol;

V — Kermesse e baile.

Aos camaradas e amigos de S. Paulo e do interior pedem-se prendas para a kermesse, que deverão ser remettidas ou entregues em nossa redacção, á rua 15 de Novembro, 10, 1.o andar, até o dia 28 do corrente.

Os bilhetes são encontrados em nossa redacção e com os camaradas do GRUPO "OS SEMEADORES".

### A proxima commemoração ao I.o de Maio

Não tendo sido possivel resolver nada de pratico na reunião ha dias effectuada, convocam-se de novo as organizações operarias locaes e dos arredores, grupos de propaganda, jornaes da Vanguarda, etc., para comparecerem amanhã, domingo, pelas 20 horas, na rua Senador Queiroz, 70, afim de ser tratado o mesmo assumpto.

Como da primeira vez, é conveniente que os delegados se façam acompanhar das respectivas credenciaes, levando poderes para deliberar o que fôr julgado necessario.

### Liga dos Padeiros e Confeiteiros

Reunem-se na proxima quinta-feira, ás 10 horas, os operarios padeiros organizados, que deverão tratar, mais uma vez, do momentoso problema do descanço dominical.

Pede-se, por isso, o comparecimento de todos esses obreiros á referida assembleia, afim de serem tomadas importantes deliberações a respeito.

### Organização das classes da construcção civil

Entre os pedreiros, estucadores, serventes, carpinteiros e pintores está sendo desenvolvida a propaganda tendente a constituir a União dos Trabalhadores da Construcção Civil.

Com esse fim, já foi promovida uma reunião que, se realizou na quinta-feira, na rua Marechal Deodoro, 6, sobrado.

Sendo os operarios dessas classes dos que mais têm soffrido as terriveis consequencias da crise dominante, é de esperar que se decidam a constituir um forte baluarte de resistencia e de luta capaz de sustentar os seus direitos menosprezados.

### Em prol de uma victima do capitalismo

Em favor do operario Manuel Carvalho, de cujo caso já nos occupamos, a União dos Canteiros de Cotia reuniu mais as seguintes quantias, que contribuirão para minorar a situação dessa victima da tyrannia capitalista, que se acha presa por ter repellido a tiro a aggressão de um burguez, quando mesmo reclamava o producto do seu trabalho:

Corrado Ciccone, 4$; Antonio Couto, 2$; Pedro Domingos, 1$; Manual Francisco, 2$; Augusto Ricci, 1$000. — Total, 10$000.

EM CAMPINAS

### A Liga Operaria trata da commemoração do I.º de Maio

Na ultima reunião do Conselho Administrativo desta Liga, ficou resolvido commemorar o dia 1.o de Maio com uma grande reunião em sua séde. Será, tambem, organizado um prestito para ir ao cemiterio do Fundão depositar uma corôa e flores sobre as sepulturas dos companheiros victimas do barbarismo policial na Porteira da Capivara.

NO R. G. DO SUL

### Como resurgiu a F. O. R. G. S.

Uma commissão de delegados junto á Federação Operaria do Rio Grande do Sul, discordando de sua orientação, por não corresponder ás aspirações dos trabalhadores modernos, dadas as novas necessidades politico-economicas sociaes pelos ultimos acontecimentos mundiaes, convocou as diversas associações que, por igual motivo, se haviam retirado da Federação Operaria, para uma grande reunião, afim de dar á mesma nova orientação.

A ella compareceu grande numero de delegados que, unanimemente, votaram uma moção preliminar, pela qual ficou assente que a Federação reger-se-á pelas bases dos 1.o e 2.o Congressos Operarios realizados no Rio de Janeiro, simultaneamente, nos annos de 1906 e 1913.

Assim, a Federação Operaria define seus principios, merecendo, portanto, a confiança do proletariado em geral.

A mesma assembleia votou unanimemente o seu pesar pelo vandalico e infame acto das autoridades argentinas e uruguayas, mandando fuzilar os operarios nacionaes Nino Martins e Cursino Garcia, ambos conhecidos em Porto Alegre e militantes, os quaes commetteram o *grande crime* de, em um gesto de sublime abnegação, confraternizarem-se com os trabalhadores argentinos e uruguayos, que pediam pão e liberdade.

### União Geral dos Trabalhadores de Rio Grande

Vai em franco desenvolvimento esta organização obreira da Cidade do Rio Grande, que tem por lemma — Justiça e Liberdade.

Aos militantes da Vanguarda não póde esse facto deixar de constituir motivo de satisfação, pois a cidade sulina é um dos centros proletarios dos mais importantes do Estado gaúcho.

O QUE É O MAXIMALISMO

## Programma Communista

**Interessantissimo folheto**

*Será posto á venda brevemente*

### Festival na Escola Moderna n. 1

E' hoje que se realiza o festival promovido pelo camarada João Penteado em beneficio da escola por elle dirigida e com séde á avenida Celso Garcia, 262.

O programma dessa "velada" constará de uma conferencia, de hymnos, recitativos e de kermesse e baile.

As pessoas interessadas em contribuir para a manutenção desse nosso centro de ensino dos pequeninos proletarios, poderão coadjuval-o com a offerta de prendas para a kermesse.

### NO RIO

### Agencia geral d'«A Plebe»

PRAÇA DA REPUBLICA N. 231

Agente e cobrador de assignaturas *MANUEL ROCHA*

### Comité Central

Fica transferido para maio proximo o festival para hoje annunciado.

## RIO-PLEBEU

UM ANNIVERSARIO

Com uma magnifica sessão solenne, commemorou, no dia 3, o seu segundo anniversario, a União Geral da Construcção Civil. O camarada José Elias da Silva fez uma excellente conferencia sobre o communismo anarchico, arrancando prolongados applausos do numeroso auditorio. Falaram, em seguida, os representantes de varias associações co-irmãs, que, felicitando a União, enalteceram a sua grandiosa obra.

BRILHANTE REUNIÃO

Na succursal da União dos Operarios em Fabricas de Tecidos, em Bangú, realizou-se, no dia 6, uma brilhante reunião, na qual falaram José Pereira d'Oliveira e José Maria. José d'Oliveira, em sua vehemente prelecção, atacou devidamente os inimigos naturaes dos trabalhadores, os parasitas sociaes, classificando-os com epithetos mordazes quão justos. Demonstrou a necessidade da emancipação do trabalho, que só será conseguida com a solidariedade completa dos obreiros, formando assim uma barreira que poder algum demolirá. Salienta a obra do proletariado russo transformando o abatido imperio da Russia em um regimen de pura igualdade. Tambem José Maria, em seu eloquente discurso, soube refutar com bellissimos conceitos os sophismas e as mentiras emittidas pelos mentores da burguezia, interessada em ludibriar o proletariado do mundo. Discorreu longamente sobre o Capital e o Trabalho para terminar levantando um hymno á emancipação dos trabalhadores.

OUTRA SESSÃO SOLENNE

No vasto salão do Centro Cosmopolita, repleto de associados, realizou-se uma sessão solenne commemorativa do 2.o anniversario do Syndicato dos Entalhadores. Jacob Alonso, que presidia os trabalhos, convidou o nosso camarada artista pintor, Miguel Caplloch, a usar da palavra. O orador fez uma bella conferencia estudando as afinidades entre os artistas e os operarios. Argumenta a sua these com exemplos historicos. Diz que os artistas vivem sob a oppressão do capitalismo, que corrompe a arte, obrigando-a a reproduzir os seus crimes. E termina da fórma seguinte:

"Artistas! Não retardeis o nosso andar, apathico, tropego, vacillante; a jornada é ardua, são precisos passos de gigante para trilhal-a. A consciencia universal, desperta, espraiando-se pelo mundo. Artistas! correi, vinde formar com as vossas palhetas escudos contra a oppressão e a iniquidade. Tomae as nossas cinco côres primarias e na gama de vossos sentimentos esboçae o "Arco-Iris" da Alliança Libertaria Universal. Alliança de almas, de corações, de consciencia e vontade em prol da Humanidade. Correi celere: a aurora desponta no horizonte rubro; e vibrante como um clarim de guerra, traz o progresso do astro-rei do firmamento, acompanhado de brancos apostolos pacifistas. O sol já irradia, oscula fecundante num pollen de vida a terra, geradora de energias; á semente cahiu um amplexo de universal igualdade; arde-lhe nas veias o sangue da revolta. A terra fecundou o fructo da paz e da luz. Vinde, irmãos da causa libertaria, baptisar a filha da Ideia. Igualdade é o seu nome. Bem estar para todos no mundo.

Ave, Anarchia!".

Em seguida falaram os varios representantes das associações co-irmãs, que felicitaram o Syndicato.

EM PROL DOS OPERARIOS EM VIME

Realizou-se, na séde da Construcção Civil, uma reunião dos trabalhadores em vime. A reunião foi aberta ás 3 horas da tarde com a presença de centenas de operarios.

O presidente da mesa iniciou os trabalhos falando sobre a situação precaria do proletariado em geral e fazendo ver a urgente necessidade dos trabalhadores em vime se organizarem. Foi resolvido que fosse lançado um manifesto á classe.

Operarios em vime: nada de desanimo! Mãos á obra!

Viva a classe trabalhadora!

D. O.

*** O parlamento é uma instituição destinada a satisfazer a vaidade e a ambição dos deputados, que só procuram favorecer os seus interesses pessoaes. — *Max Nordau*.

## NOTAS DA... CLAUSURA

Um animalejo intelligente, um arauto da canalha burgueza, um mastim farto, o sr. João do Rio, mandou de Paris no "Paiz" certas asneiras condensadas numa carta, publicada hontem. Não sei a que attribuir tal furor contra os maximalistas. Parece que foi escripta sob a influencia da embriaguez, duma bebedeira lastimavel, tal é o estylo e a linguagem nella empregados. Não houvesse em Paris o champagne, o bordeaux, o "Moulin-Rouge" e as Mimis... João do Rio babou peçonha e nella molhou a pena... Parece ter refocillado na lama, á procura de immundicies, o *emerito psychologo*. Como eu me riria si, nas mãos dos bolchevistas, Trotsky lhe arremessasse á cara um punhado de rublos, desses rublos que o revolucionario russo, na sua grandeza de idealista, odeia e despreza, pagando-lhe as taes informações prestadas ao "Paiz" e aos candidatos burguezes destes Brasis... Como é vil esse João do Rio, com toda a sua bagagem literaria e a sua intellectualidade.

***

Fico pasmado, tolo até, ante certas demonstrações caracteristicas do *egoismo* dos nossos governantes. E' o caso que se segue: A Camara Municipal de Natal, Rio Grande do Norte, approvou um projecto de imposto obrigando todo o homem que se dedicar a trabalhos de rua a pagar a taxa de 28$000! Quem conhece a miseria das classes trabalhadoras no Norte, ficará indignado contra essa extorsão, contra esse roubo. Lá, onde a farinha e o pirão e a carne-secca ao fogo, são o principal alimento das classes pobres, crear tal imposto é evidenciar ao mundo os instinctos de rapinante e de salteador dos autores de tal lei.

Um imposto eu pagaria, ainda que pesado, mais ainda, daria dez annos da minha existencia, sabem para que? Para que uma nova "hespanhola" os carregasse a todos: legisladores, governantes, generaes, a toda essa corja dourada e sebosa. Emfim, como o paiz precisa de braços, eu ainda tenho esperança de os vêr, de enxada na mão, no fundo das minas, briando pedras, etc., etc.

***

Na organisação social actual, onde na escola não se cogita da educação da vontade; onde o individuo soffre a influencia, perniciosa quasi sempre, do ambiente, do meio em que vive, meio esse que favorece a eclosão do odio, da luta dos interesses, dos dramas da vida epilogados no carcere ou no necroterio; que favorece e estimula a mercancia da carne; que quer restrinjir os effeitos sem combater as causas; que afferrolha o ladrão de um pão e glorifica o ladrão dos milhões e santifica a libidinagem e a luxuria dos graúdos: essa sociedade deve ou não merecer a nossa repulsa, o nosso despreso, o nosso odio? Um homem moldado ao meio em que vive, que tinha familia, pois que a constituira casando-se, numa irrupção de atavismo, numa revolta das cellulas degeneradas, esfaqueia 40 vezes uma pobre mulher, victima como elle da... civilização burgueza.

E vemos a imprensa esbravejar contra a machina inconsciente, essa mesma imprensa a quem cabe tambem uma parte da culpa como vehiculo e reflectora da podridão social.

A culpada, a grande responsavel pelos soffrimentos humanos, é essa sociedade onde os individuos só são iguaes perante a lei...

E não havemos de desejar, de aspirar ardentemente o advento duma éra nova, na qual os homens sejam iguaes de facto em face da questão economica, e gozem da mais ampla liberdade, respeitando-se, sem leis e bayonetas?

*Detenção, 3-4-919.*

*ADOBUS.*



**«A Plebe» em Cataguazes**

E' encontrada na Agencia do sr. Fenelon Barbosa.